

O russo sem calças e o alemão de calças Impressões de viagem de um satírico

Profa. Dra. Denise Regina de Sales¹

Resumo:

Em 1880, o escrito russo Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin viajou pela Europa. De volta à pátria, escreveu relatos de viagem intitulados No exterior, em que reflete sobre os problemas da sociedade russa em comparação com nações europeias, sobretudo Alemanha e França. Além de discutir as grandes questões nacionais de seu país no final do século XIX na voz do narrador-viajante, Schedrin incluiu no primeiro capítulo de No exterior uma peça em um ato, intitulada “O menino de calças e o menino sem calças” – um diálogo fictício de confronto entre um garoto alemão e um garoto russo.

Palavras-chave: literatura russa, Saltykov-Schedrin, sátira, relação Rússia-Occidente

1 Introdução

Nesta comunicação, tratarei da relação Rússia-Occidente no relato de viagem *No exterior*, do escritor russo Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin. Nascido em 1826 e falecido em 1889, Saltykov-Schedrin começou a carreira de escritor no final da década de 40, tornando-se figura importante no cenário jornalístico-literário da segunda metade do século XIX. *No exterior* mostra a complexidade da relação dos russos com o elemento estrangeiro e o modo como o externo suscita reflexões sobre a realidade interna e as grandes questões nacionais.

2 “O menino de calças e o menino sem calças”

Em 1880, por recomendação médica, o escritor Saltykóv-Schedrin, então redator-chefe da revista “Anais da Pátria”, passou três meses no exterior, sobretudo em estações de águas da Alemanha. De volta à Rússia, publicou as suas impressões de viagem, primeiro na revista que dirigia, no final de 1880 e começo de 1881, e depois em edição separada, em setembro de 1881.

No exterior é composto de sete capítulos, sendo foco de nossa atenção nesta comunicação o primeiro deles, em que aparece a peça intitulada “O menino de calças e o menino sem calças”, com o subtítulo “Conversa em um ato”.

Na introdução a uma edição de 1989, o crítico Andrei Turkov resumiu alguns dos comentários sobre *No exterior* da seguinte forma: “É um dos grandes livros russos sobre o Occidente, ou melhor, não apenas sobre o Occidente, mas sobre a Rússia e o Occidente, e, em essência, mais sobre a Rússia do que sobre o Occidente.” Nada mais verdadeiro. *No exterior* realmente “cheira a Rússia”, como escreveu o crítico. Na pena de Saltykov-Schedrin, o exterior, o estrangeiro, tudo que está além das fronteiras russas é apenas um pretexto para reflexões sobre as grandes questões nacionais que tanto o afligiam.

A peça “O menino de calças e o menino sem calças” não é exceção. Mas antes de tratar do

¹ SALES, D. R., Profa. Dra.
Denise Regina de Sales, Universidade de São Paulo (USP)
denise.sales@uol.com.br

diálogo dos dois meninos, é interessante observar como Saltykov-Schedrin inclui essa peça ficcional no relato de viagem.

O viajante-narrador, dotado, em certa medida, de características autobiográficas – a doença que o leva ao exterior, a carreira de jornalista e literato, as posições políticas de crítica ao tsarismo – parte da Rússia para a Alemanha. Já bem perto de Berlim, ele cochila e tem um sonho “estranhíssimo”, como ele próprio diz. Sonha que foi parar na mais simples das aldeias alemãs e lá encontrou um camponesinho alemão, de uns sete ou oito anos de idade e... “imaginem só”, escreve, “de calças”!

O viajante russo ficou muito surpreso porque conhecera várias aldeias russas, vira centenas de camponesinhos russos, mas nunca encontrara nem um de calças. O único traje dos meninos russos era um camisolão ensebado, que eles sujavam de lama quando chapinhavam nas poças de água. O alemãozinho, entretanto, usava calças e estava muito limpo.

A curiosidade do viajante russo foi tanta que ele chamou o garotinho alemão e fez a ele a seguinte pergunta: “Diga-me menino alemão, você anda sempre de calças?” O menino respondeu:

Quando eu, pela primeira vez, andei sem a ajuda de outros, a minha bondosa mãe, dirigindo-se a meu honrado pai, disse o seguinte: “Você não acha, meu bondoso Karl, que Fritz conquistou hoje o direito de usar calças? E desde então eu só me separo dessa roupa à noite. (SALTYKOV-SCHEDRIN, 1989. p. 34).

Tudo isso foi dito com segurança e vocabulário de adulto e sem demonstração de surpresa em relação à pergunta. O narrador viajante concluiu que o garoto alemão sabia que estava diante de um estrangeiro e abre parênteses para o seguinte comentário: “aliás: essa palavra [estrangeiro] soa muito estranha quando utilizada em relação a um russo; eu, pelo menos, precisei fazer um grande esforço para me acostumar com a ideia de que há lugares no mundo onde sou estrangeiro”.

No sonho, a conversa entre os dois continua, e o viajante propõe ao garoto alemão apresentar-lhe um de seus colegas russos. É então que, no sonho, em que, segundo o narrador, são possíveis todas as maravilhas e absurdos, surge um menino russo na aldeia alemã, e tem início da peça “O menino de calças e o menino sem calças”.

No título e na caracterização do menino, recorre o tema da ausência, fundamental na obra de Saltykov-Schedrin. O país sem ordem de “A origem dos tolenses” e o governante sem cérebro de “O órgãozinho”, ambos capítulos do romance *História de uma cidade*² e a cabeça sem corpo do conto “O bogatyr”³ antecederam o menino sem calças e tiveram também os seus correspondentes “com”: os varegues, que sabiam governar; os governantes sensatos; e o herói forte e poderoso dos contos maravilhosos.

Na rubrica inicial da peça, o autor descreve:

No palco, a rua pavimentada de uma aldeia alemã. O menino de calças está pensativo, parado junto a uma árvore, tentando descobrir o que mais pode fazer para agradar os pais. De repente, no meio da rua, surge uma poça de água russa e dela salta um menino sem calças.” (SALTYKOV-SCHEDRIN, 1989. p.35).

Poças de água, pântanos, lamaçais – de novo uma imagem comum nas obras de Schedrin para

² Traduzido na tese *A sátira de Saltykov-Schedrin em História de uma cidade*.

³ Trazido no artigo “Descansa em paz, herói adormecido”. Revista Travessias, n. 4, março de 2009.

indicar estagnação, subdesenvolvimento, passividade, inação. Enquanto o garoto alemão mora em uma aldeazinha e ruas pavimentadas, o garoto russo salta de uma poça russa, já que seria um absurdo falar em poças alemãs.

Assim que o menino russo surge, o alemãozinho fica constrangido e comenta: “O senhor estrangeiro disse a verdade: ele está sem calças”. Apesar disso, cumprimenta o russo com toda educação e respeito, enquanto o menino sem calças, dispensando as formalidades da boa educação, começa logo a fazer perguntas. O russo surpreende-se principalmente com a limpeza daquele lugar, em que não há onde cuspir e com a fala do menino de calças, tão correta e polida, que lhe parece enfadonha e sem graça.

O alemão, por sua vez, fica tão surpreso em ver um menino sem calças que, assim como fizera o narrador-viajante no início do sonho, pergunta ao menino russo: “Se me permite, poderia explicar, menino russo, por que o senhor anda sem calças?” “Permito”, diz o menino russo, mas, em vez de responder, replica: “Mas antes me diga aí, você, por que é que você fala assim, de um jeito tão sem graça?” “Sem graça”, retruca o alemão. “Sim, sem graça”, confirma o russo. “Fica mastigando as palavras, vai bordando uma lengalenga, parece que vai babar.”

Está dado o tom da conversa. Um faz perguntas ao outro – o alemão responde exatamente sobre o que foi perguntado; o russo muda de assunto, fala o que lhe vem à cabeça e só depois, quando lhe convém, volta ao tema levantado pelo alemão. Além disso, o russo usa uma linguagem extremamente coloquial, com palavras que o alemão custa a entender ou tem vergonha de ouvir.

O menino de calças não consegue entender o que o camponesinho russo conta a respeito dos hábitos de sua terra. Essa incapacidade de compreensão está expressa em repetidas rubricas: “tenta entender, mas não consegue”, “quer entender, mas não entende”, “quer compreender, mas não é capaz”... até que, no final da peça, o menino sem calças dialoga com a rubrica e diz: “Nem precisa tentar, não vai entender mesmo”.

As reações do menino de calças vão da perplexidade ao medo. Ele se indigna com a injustiça reinante na Rússia, sente pena dos russos por causa da miséria em que vivem, desconfia da verdade nos relatos do menino sem calças de tão absurdos que lhe parecem, condena a desumanidade dos chefes que xingam e dos governantes que açoitam. Quando o menino russo conta que a mãe grita com ele, o alemão comenta: “É, em geral, muito do que acontece na sua terra é incompreensível para mim”. Quando o russo responde ao alemão com um xingamento vulgar, ele diz: “E isso também eu não entendi”. Ao ouvir que um tio do menino russo trocou o próprio irmão por um cachorro, o alemão responde incrédulo: “Não, isso é impossível”. E quando ouve que um outro tio se embebedou com uma caneca de querosene roubado, busca uma explicação plausível: “Mas é claro que ele fez isso por engano”.

Não faltam ao diálogo alusões aos grandes temas discutidos pela sociedade russa da época. Impressionado com os campos de cereais alemães, o russo comenta: “São bons os seus cereais, hein? Já os nossos viraram comida de gafanhoto.” Em 1879-1880, as plantações russas sofreram não só com a seca, mas também com o ataque sem precedentes de gafanhotos e besouros. Eles devastaram as colheitas do sul e das terras negras da região central.

Uma das notas da edição de 1989 de *No exterior*, resalta o caráter polêmico de citações identificadas imediatamente pela intelectualidade da época. Pouco depois da publicação o primeiro capítulo de *No exterior*, foram apontadas referências irônicas ao discurso pronunciado por Dostoiévski em 08 de junho de 1880, na inauguração de um monumento ao poeta Alekssandr Púchkin. Esse discurso logo ficou famoso, e a reação de Schedrin foi bastante negativa. Para ele, Dostoiévski estava exortando os intelectuais combativos a se resignarem e, principalmente, colocando a resignação em um pedestal, como ideal e virtude do povo, ao dizer: “Resigne-se, homem orgulhoso”.

Para expressar a sua discordância em relação à afirmação de Dostoiévski de que “o nosso povo há muito se ilustrou, quando reconheceu e aceitou Cristo e o seu ensinamento”, Schedrin incluiu o tema da religião na conversa dos meninos. O trecho tem início com um desabafo do menino alemão: “Ah, menino russo, que palavras estranhas o senhor utiliza, e eu posso imaginar como foi falha a educação que lhe deram! Posso garantir, por exemplo, que o senhor não sabe o que é Deus.” O menino sem calças, no seu tom inflamado, responde: “Deus... Deus é que sabe o que é que é Deus! Na minha terra, irmão, na minha aldeia, está marcado o dia do santo padroeiro – e a festa é na época da colheita.” Ao silêncio do menino de calças, acompanhado da rubrica “quer compreender, mas não consegue”, o menino russo continua: “Não pescou nada, não é? Deixa pra lá, nem eu entendo direito. Só sei que é dia santo porque até em nós vestem roupas compridas, mas se a festa é por causa de Deus ou do governador – isso não me interessa.”

Nesses trechos, o diálogo deixa de ser uma comunicação entre Rússia e Ocidente para expressar pontos de vistas russos sobre a realidade interna do país. Reafirma-se a habilidade de usar o “externo” como um portal, pelo qual se penetra novamente na Rússia. Na maior parte do tempo, falam em dueto o autor e o menino sem calças. Grossoiro, sujo, mal educado, é o camponesinho russo que esperta mais simpatia, talvez por sua vivacidade, desembaraço e espontaneidade.

O menino de calças revela-se inteiramente na primeira aparição, no início do sonho, quando conversa com o viajante. A partir daí, as suas palavras e comportamento confirmam a primeira impressão, são previsíveis. O menino sem calças, embora também tenha um perfil predefinido, oposto ao de seu coetâneo alemão, a todo momento inventa palavras, faz trocadilhos, conta histórias que beiram o absurdo.

Uma só voz, ou melhor, três vozes – a do autor, a do narrador-viajante e a do menino russo – não são suficientes, algumas vezes fala em uníssono também o menino alemão, nas passagens em que dá notícias de um passado lembrado apenas pelos mais velhos, por seus avós e bisavós. Um tempo em que a Alemanha antiga parecia a Rússia do século XIX. Diz o menino alemão:

Houve tempo, em que, também em nossa maravilhosa pátria, todos os habitantes encontravam-se sob investigação ou no tribunal, quando o ar estava repleto de obscenidades e quando, em toda parte por onde andavam, os habitantes ouviam berros: ‘Aonde pensa que vai?’ e ‘Isso não é da sua conta!’ Nessa época sombria, a cabeça dos alemães ficava tão moída de pancadas que eles se tornavam incapazes de realizar qualquer atividade. Os habitantes viviam como selvagens, e os meninos alemães andavam sem calças. (SALTYKOV-SCHEDRIN, 1989. p. 37).

Sem dúvida, *No exterior* é um relato sobre a Rússia. Ele só nasce, porém da possibilidade de comparação. E o que pensam os alemães sobre os russos? O menino de calças é quem conta:

Ouvi falar disso [diz ele a respeito dos gafanhotos] e sinto muita pena dos senhores. Quando o nosso bondoso professor explicou-nos que essa nação amiga sofria por falta de alimentos, ele também manifestou compaixão. ‘Ouçam, crianças!’, disse-nos ele, ‘vocês devem ter pena da Rússia não apenas porque metade de sua população é formada de funcionários públicos, mas também porque ela cumpre com firmeza a sua missão histórica. Assim como no passado, sofrendo o jugo mongol, livrou dele a Europa, do mesmo modo agora, suportando o jugo dos gafanhotos, presta a essa mesma Europa um serviço inestimável. (SALTYKOV-SCHEDRIN, 1989. p. 37)

Movido pela pena e compaixão, o menino de calças convida o menino sem calças a ficar para sempre na Alemanha, onde poderia ter uma boa alimentação e uma casa decente para morar. Em resposta, na única passagem em que usa um registro linguístico mais elevado e suprime os xingamentos e interjeições, o camponesinho russo sintetiza o que pensa da sociedade alemã:

Rússia. Ele só nasce, porém da possibilidade de comparação. E o que pensam os alemães sobre os russos? O menino de calças é quem conta:

É verdade o que você disse: vocês têm cultura, ciências, arte e liberdade de associação, mas eis qual é o problema – a nós vocês não apresentam nada disso, o que querem é nos estropiar. No seu país, só a avidez e a inveja são primeira linha, e uma vez que essa avidez vocês mesclaram intencionalmente com a verdade, então pensam que têm o dever de abocanhar o mundo inteiro. Eis porque os odeiam por toda parte, não apenas na Rússia, mas exatamente por toda parte. Todos têm medo dos alemães e ninguém espera nada de vocês, a não ser astúcias. (SALTYKOV-SCHEDRIN, 1989. p. 37)

No diálogo, seguem acusações de um lado e de outro até que a conversa de repente se interrompe porque o narrador-viajante desperta.

No decorrer do relato de viagem, fica claro que as palavras amargas foram dirigidas aos alemães não como representantes dos estrangeiros em geral. De sua estadia em Paris, o viajante russo fala com prazer e encantamento. O ambiente justo, correto e frio da Alemanha, é substituído pela exuberância, beleza e animação da França. É graciosa a descrição que o narrador faz de Paris e dos parisienses, que, segundo ele, ocupam-se de três atividades: “trabalho, diversão e, de tempos em tempos, revolução”.

Apesar disso, a volta para a Rússia é sombria. O narrador, de saúde restabelecida, entra na Rússia como quem ultrapassa o umbral de um porão úmido e sufocante. Assim como em outras obras de Saltykov-Schedrin, em casa ou fora dela, não há saída para o russo do século XIX.

Referências Bibliográfica

1. BUCHMIN, A. S. *Khudojestvennyi mir Saltykova-Schedrina* [O mundo artístico de Saltykov-Schedrin]. Leningrado, Editora Nauka, 1987.
2. SALTYKOV-SCHEDRIN, M. E. *Za pubejom* [No exterior]. Moscou: Sovietskaya Rossiya, 1989.
3. SALTYKOV-SCHEDRIN, M. E. *Sobranie Cotchineni v dvatsati tomakh* [Obras reunidas em vinte volumes]. Moscou: Khudojestvennaya Literatura, 1965.